~~Domingo~~ 15.12.1889. Estrada da Beira
Coimbra.

Alberto,

Procurei-te, ha bocado, mas disseram-me que tu, hontem, mesmo me haviam dito: — "O menino foi para Nazareth". Sim: "Estás em Nazareth, na companhia só dos teus bois hospedes, ~~esses trompas de Cucujães~~ esses Pages-de-Cristo, nas ~~todas por esses~~ montes, pondo-te de verde, com essa fome enorme nos olhos, que ha tanto tempo não dizem mais que palettes dos Codigos. Por eu, ~~[illegible]~~ [illegible] ... já o [illegible]

até à assembleia geral, contrariado, aborrecido, porque os ~~meu espirito~~ meus olhos a gania de Azul, não me pediam os gestos largos dos nossos oradores, pediam-me Campos. Assisti à reunião, Assisti à reunião, etc, cujo fim era pedir dois feriados para prolongamento das ferias, e nomear comissão que fosse a Lisboa cumprimentar o rei Carlos pela sua acclamação ao Throno. Que indignidade! Afinal, ~~[illegible]~~ convenceu-se d'isto mesmo, n'um momento de ultima reflexão, a D. Academia Zé-do-Cunha, não quiz nem uma, nem outra cei-

da. É Houve selvas de espadas! Cairam as ~~[illegible]~~ epilepsias geraes, ~~onde os [illegible]~~ os ~~[illegible]~~ os preciosos espirituosos, estacados de ~~Tentações de profundidade~~ ditos, de camarote a camarote, n'uma desdenta furia de renome, que de resto só isso é o que agora e sempre ga-tem a ~~[illegible]~~ geração d'estes nossos contemporaneos membros da Universidade, etc. Que academia tão inferior esta! Que desilusão não tive, o anno passado, quando ao chegar logo no primeiro dia, que eu via um producto mais civilizado, mais elevado, ~~[illegible]~~ estives no meio d'esta banalidade coimbrã! E, assim, perdi todo o en-

thusiasmo que de minha terra trouxe em meu espirito esgalhado de ha muito, desde a hora em me destinaram a vir para Coimbra. D'ahi provem ~~esta~~ o meu affastamento, a minha vontade de retravimar, de me divertir, fora d'esta Baixa cheia de lama e d'aquella Alta cheia de Universidade, ~~também~~. Bendito sejas tu, ~~Alberto~~, que andas a esta hora alguns kilometros de aqui, pisando ~~[illegible]~~ a alma nas collinas da Paz. Bendito Alberto. Traz-me um bocado de ~~[illegible]~~ para eu comer: ~~Tens~~ fortes da alimentação dos homens [illegible] a do Pezo.

Abraça-te
Antonio.

~~Domingo~~ 29. XI. 1891. 31. boulevard St. Michel
Paris.

Alberto,

Meu querido Alberto, olha: se tornas a escrever-me mais outra carta como a de hontem, morro n'uma d'estas horas de beijos que te heide mandar. Não, não se é assim tão impudente com um desgraçado como Antonio. Cautella, mais cautella... Toda a gente a olhar para mim, á mesa, enquanto a lia; os meus olhos a amparem, eu sem comer e, afinal, acho que nem comi, foi-se-me o appetite embora. Para ir aonde, sabes? A' Igreja de St. Germain, no boulevard, rezar por ti á Nossa Senhora do Anthero, por ti accender-lhe uma vela, por tua intenção. E assim fiz. Cheguei. Assentei-me defronte d'ella, n'uma minha cadeira de palhinha; olhei-a durante uma hora toda e, n'algum intervallo de distracção, abrindo o Shelley onde guardava a tua escriptura, lia-te, Alberto, com os olhos orvalhados, beijava-te. Rezei uma Ave-Maria, com muita devoção. Levantei-me, comprei por 5 sous uma esguia vela de cêra (no Palhé, Margarida, Alice, na côr) e fui pôl-a acesa, mesmo defronte de Nossa Senhora do Anthero. E commigo murmurava: "dá saude, talento, felicidade ao Alberto!" Ó Alberto, como tu me fizeste bem! Eu que já andava um bocadinho zangado por não me fallares de Sor, recebo inesperadamente uma d'estas chuvas de leite, que nem na Mancha a do mar-bravo. Ainda me sinto molhado, mas não me mudo que estas chuvadas não constipam. Mas sabes d'onde especialmente provém meu estado d'hontem? De ti, só de ti. Não é tanto

pelo corpo, pela alma da carta: mas pela graça, pelo encanto, pela prosa, pela ingenuidade que de ti resultam. Has de ser sempre o Pombinho do João Maca, e é isso que me encanta. Não, não ha mais ninguem como Alberto. És o primeiro rapaz de Portugal. Convenci-me, hontem, que mora dentro de ti um enorme espirito. Estás de edade, apenas. Aos 30 annos que livro não farás tu? Poisnão será superior ~~aos~~ superiores uma Alma que se deixa boiar n'uma tão extraordinaria rede de sonho, n'essa espantosa ancie-dade, de Sor, de Paz, de Ventura que tu tens e que será preciso Nossa Senhora D. Margarida se esqueça de nós, para que o céu passe de. Impossivel moral, como o meu naufragio em "Droit", ou no Canal da Mancha. Sim tu serás feliz não o sei cu. Eu que já estou um pouco habituado á dor não me surprehendera tanto a

minha desgraça, mas tu, Anjo, sem calculares o que isso é, com o rosto liso, virgem de rugas e com tal ancia de paraizo na Terra, — oh fôra terrivel, terrivel, terrivel! Morreria comtigo. É, por isso, absolutamente indispensavel que caminhemos sempre de mãos ambas: nem eu, nem tu façamos cousa alguma sem meditar no que vamos fazer. Adquirida a Paz, toca e de lá não sair. Tenho um programma de vida em esboço e que te direi quando vieres: é muito longo (embora muito simples) para ir na carta. Da minha vida, em Vill'Alva, nota-se que, até então, ~~[illegible]~~ qualquer lua lá mandarei. A minha vida em Vill'Alva, ó Alberto, é nossa vida em Traz-os-Montes (atraz dos montes)!.